



CRÍTICA DE FILOPONO AO CONCEITO DE LUGAR ARISTOTÉLICO

TENNESSE WILLIAMS MONTEIRO MATOS¹

RESUMO: Neste artigo tratamos do comentário de Filopono à *Física* de Aristóteles, mais especificamente sobre o conceito de lugar. Ao longo do comentário, Filopono realiza um exame dos argumentos de modo a esclarecer em que medida tais teses corroboram ou não para a definição de lugar. Nosso interesse neste artigo é mostrar que ao longo deste comentário Filopono oferece interpretações conceituais em Aristóteles que nos parecem ser menos descuidados de interpretação e mais a preparação e a revisão de conceitos que o permitem apresentar, nos corolários sobre o lugar e o vazio, sua crítica aos conceitos de lugar e vazio de Aristóteles.

PALAVRAS-CHAVE: Filopono, lugar, vazio, Aristóteles, Física.

ABSTRACT: In this article, we discuss Philopono's commentary on Aristotle's *Physics* directed to the investigation of the concept of place. Throughout the commentary, Filopono makes an analysis of the arguments in order to clarify to what extent these theses corroborate or not for the definition of place. Our interest in this article is to show that throughout this commentary Philopono anticipates conceptual changes in Aristotle which seem to us to be less careless of interpretation and more the preparation and revision of concepts that allow Filopono to present, in the corollaries about the place and emptiness, his critical of Aristotle's concepts of place and emptiness.

KEYWORDS: Philopono; Place; Emptiness; Aristotle; Physics

Atualmente o Comentário de Filopono à discussão aristotélica sobre o lugar é compreendido como um trabalho dividido em duas partes, a saber, o comentário, dividido em nove seções e o corolário sobre o lugar, que aparece posicionado ao final da sétima seção. Koenraad Verrycken (1990), ao realizar uma comparação nos textos de Filopono, defende que é possível identificar um primeiro estágio em que Filopono estaria significativamente alinhado com os pressupostos do neoplatonismo alexandrino e um segundo estágio onde temos uma metafísica cristã marcada pela rejeição da eternidade do mundo. Para Verrycken, os comentários de Filopono à *Física* apresentam traços de ambos os estágios de desenvolvimento do pensamento do filósofo. O primeiro estágio é definido por Verrycken como Filopono 1, escrito por volta de 517, e o segundo estágio, Filopono 2, escrito por volta de 529, momento

¹ Mestrando em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas. Possui Projeto de Iniciação Científica CNPq, (2008-2009) com o tema: Movimento na Física de Aristóteles. E-mail: tennessee.cps@gmail.com.

em que também é publicado o *Contra Proclo* na Questão da Eternidade do Mundo. Verrycken defende que o Filopono 2 corresponde aos escritos do corolário, adicionados posteriormente ao texto do comentário. O autor justifica tal divisão baseado na ideia de que no comentário Filopono endossa a definição de lugar oferecida por Aristóteles, mas no corolário se afasta dessa definição em favor de uma definição de lugar como extensão tridimensional. Keimpe Algra e Johannes van Ophuijsen (2012, p. 2-3) acreditam que esta distinção não procede. É possível levantar dúvidas quanto a um real comprometimento de Filopono para com a definição de lugar de Aristóteles examinada ao longo do comentário, e, conseqüentemente, quanto ao fato de que a definição de lugar como uma extensão tridimensional configure uma amadurecimento posterior no trabalho de Filopono.

Com o intuito de oferecer maiores evidências para o tratamento desta questão, este artigo deseja mostrar que ao longo do comentário Filopono apresenta interpretações de Aristóteles que nos parecem ser menos descuidos de interpretação e mais a preparação e a revisão de conceitos que o permitem apresentar, nos corolários sobre o lugar e o vazio, sua crítica aos conceitos de lugar e vazio de Aristóteles.

Aristóteles inicia o livro IV da *Física* com a afirmação de que o físico deve ter conhecimento sobre lugar. Lugar realmente existe? Se sim, o que é? E não menos importante, existindo lugar, é possível que ele exista de modo vazio? Aristóteles, realizando uma primeira aproximação da discussão, se dirige às posições existentes sobre a definição de lugar. Primeiramente, é aceito em geral que tudo que possui existência, necessariamente, possui um *onde*. Assim diz Aristóteles: “Pois todos supõem que coisas que existem, existem em algum lugar, porque aquilo que não existe, está em nenhum lugar”. (Physics, 208a27). Filopono, comentando esta primeira evidência, indica que tal passagem pode ser reescrita da seguinte forma: “se aquilo que não existe está em lugar nenhum, aquilo que existe deve estar em algum lugar, assim não é possível existir alguma coisa que não esteja em um lugar” (2012, 496,12). Para Filopono, com esta reformulação é possível verificar que o argumento não está correto. Ele afirma que ele é construído a partir de uma negação do antecedente e o modo válido é construir tal argumento com base na negação do conseqüente. Assim, ele conclui que a única formulação logicamente válida para os termos da questão é “se aquilo que não existe, está em nenhum lugar, então, aquilo que está em algum lugar, deve existir” (2012, 496, 16). Assim, Filopono entende que este argumento, em sua forma válida, é insuficiente para concluir que todas as coisas que existem, existem em um lugar. Nos parece que para Filopono a confirmação

de que os corpos naturais existem em um lugar deve estar atrelada à evidência de que cada um dos elementos possui um lugar natural bem definido. (2012, 497, 3-5)

A segunda evidência apresentada por Aristóteles se fundamenta nas definições de movimento: a mudança de lugar é um dos movimentos mais gerais, ao qual chamamos de locomoção. Para Filopono a existência da locomoção depende da existência de lugar, mas não somente isso, ele afirma que nenhum tipo de movimento pode ocorrer sem que se tenha uma locomoção, e que esta, por sua vez, pode acontecer independente dos outros tipos de movimento. Ele cita o movimento dos corpos celestes como um caso em que a locomoção é o único tipo de movimento admitido.

Filopono afirma:

é obviamente impossível entender a natureza dos corpos simples sem entender seus movimentos naturais; e é impossível entender seus movimentos naturais sem conhecer o lugar natural para o qual cada um deles se movimenta. Assim, se não entendemos lugar, não poderemos entender o movimento natural dos corpos simples, e não entendendo isto, não entenderemos a natureza dos corpos simples. (ALGRA & OPHUIJSEN, 2012, 497,12)

Pensamos que Filopono se afasta das opiniões comuns oferecidas por Aristóteles acerca da necessidade da compreensão do que é lugar. Acreditamos que recorrendo às próprias noções de física presentes dentro da doutrina de Aristóteles, Filopono explicita um elo essencial entre as noções de lugar, movimento e corpo que efetivamente tornam imperativo um tratamento da noção de lugar, sob risco de que este conceito acarrete um impeditivo para o estudo dos corpos naturais em sua totalidade. Essa interdependência entre corpo, movimento e lugar explicitada por Filopono parece antecipar as bases através das quais Aristóteles defende a existência de lugar e sua natureza, e rejeita a existência do vazio.

Retornando, Aristóteles, antes de apresentar uma solução para a investigação em questão, oferece mais argumentos a favor da existência de lugar. Primeiramente podemos constatar a existência de lugar quando observamos que um receptáculo onde antes havia água, tão logo esta é retirada, nota-se a presença de ar. Em outro momento, a entrada de outro líquido neste receptáculo impõe a saída do ar que ali estava presente, causando, assim, uma troca mútua de lugar entre os corpos acima indicados. Para Filopono, esta observação pode ser traduzida no seguinte argumento: lugar pode receber diferentes corpos alternadamente, enquanto permanece um e o mesmo. Aquilo que, enquanto permanece um e o mesmo, pode receber coisas diferentes alternadamente, tanto é alguma coisa em si mesmo como é diferente daquilo que recebe. Filopono parece reconhecer, junto com Aristóteles, que a mútua troca de posição entre corpos

só se efetiva devido à existência de uma terceira coisa que permanece a mesma e diferente dos corpos que alternam posição. Até aqui pensamos que, embora o argumento resulte numa prova da existência de lugar, é importante reparar que não existe uma possibilidade de concluir apenas com este argumento qual a natureza de lugar, questão para a qual Aristóteles e Filopono possuem respostas diferentes.

Aristóteles, ainda apresentando argumentos conhecidos que defendem a existência de lugar, afirma que tal existência pode ser também observada a partir do movimento de locomoção realizado pelos elementos naturais, a saber, fogo, terra, ar e água. Se nada lhes impede a locomoção, cada um deles desenvolve uma locomoção para uma orientação diferente. Compreendem estas orientações as seis direções, a saber, cima, baixo, direita, esquerda, frente e trás. Para Aristóteles estas orientações costumam ser convencionadas numa relação entre objeto e observador, mas, no caso da locomoção dos corpos naturais, as orientações possuem um caráter não relativo ao observador, mas ao sentido em que o corpo se movimenta naturalmente. Assim, fogo e corpos que são leves sempre se locomovem para cima, enquanto que os corpos que são pesados, naturalmente, sempre se movimentam para baixo. A partir disto, Aristóteles sugere que lugar, além de existir, possui regiões ou partes diferenciadas, e cada uma destas partes exercem diferentes orientações na determinação da locomoção dos corpos naturais.

Em seu comentário acerca deste argumento, Filopono reconhece nas palavras de Aristóteles a sugestão de que o lugar natural possui um certo poder natural. No tocante ao fato de que os corpos leves tendem naturalmente para cima, enquanto os pesados tendem para baixo, ele nota que embora possam se movimentar contrariamente a estas definições, se assim o fizerem, estariam realizando tal movimento de forma contrária à natureza.

Filopono apresenta uma distinção entre estas direções de movimento natural dando ênfase, também, a uma distinção entre um corpo que se locomove, supostamente, em direção à região onde se encontram a totalidade dos corpos semelhantes a eles, e corpos que se locomovem naturalmente para cima ou para baixo, tendo como referência o centro do cosmos. Para Filopono, se os corpos se movimentam de acordo com o descrito no primeiro caso, seríamos capazes de perceber que um mesmo corpo poderia movimentar-se naturalmente em diferentes orientações. Mas isso não é o caso. O que é observado é que os corpos naturais movimentam-se apenas perpendicularmente, ou aproximando-se do centro do cosmos, no caso dos corpos pesados, ou afastando-se do centro do cosmo, no caso dos corpos leves.

Assim diz Filopono:

Mas se alguém diz que os corpos leves não buscam o lugar de cima, nem os corpos pesados o lugar de baixo, mas ao invés disso buscam obter a totalidade daquilo a que pertencem, este alguém deveria saber que, se este fosse o caso, coisas pesadas não deveriam movimentar-se exclusivamente em ângulos retos, mas em qualquer direção que seja. (ALGRA & OPHUIJSEN, 2012. 499,13).

Filopono afirma que a locomoção, se natural, deve ser entendida como um movimento, que secundariamente ou como uma consequência indireta, busca um lugar onde se encontram os demais corpos semelhantes a ele, ou seja, busca a sua totalidade, e que estes corpos naturais buscam, em verdade ou primariamente, ou aproximar-se do centro, ou afastar-se do centro. Ele entende que um corpo natural acabará por locomover-se, por exemplo, em busca do centro, até que algo o impeça de seguir em direção ao centro, e naquela região acabará por ficar em repouso, apenas pelo fato de que entre ele e o centro existe algo que o impede de seguir seu movimento, e este lugar será entendido como seu lugar natural.

Em nossa compreensão, entendemos que Aristóteles, no que se segue à construção de uma definição de lugar, nega ao lugar a possibilidade de ser uma causa de movimento. Assim, embora Aristóteles apresente a tese de que lugar possui um poder como sendo um dos argumentos que são utilizados por seus interlocutores como prova da existência de lugar, ele não irá na sequência do argumento validar tal argumento. Isso implica que é preciso investigar como lugares naturais são diferenciados para cada corpo natural, e ao mesmo tempo, não podem ser tomados como causas dessa diferenciação. Mas, dentro desse contexto, nos parece que Filopono, ao apresentar a distinção acima, acaba por sugerir que a posição ou lugar que os corpos naturais ocupam acaba surgindo, de modo secundário, ou como consequência de uma superposição relativa à capacidade própria que cada corpo natural possui para, na busca pelo centro, chegar o mais próximo possível do centro, no caso dos corpos pesados, ou, no caso dos corpos leves, afastar-se o máximo possível dele. Essa definição de lugar natural como uma consequência secundária ou um efeito secundário do movimento natural dos corpos nos parece configurar uma posição exclusiva de Filopono e que não está implícita nos escritos de Aristóteles.

Nos parece ser possível sugerir que Filopono concorda com Aristóteles que o lugar possui um certo poder natural, mas pode muito bem, contrário ao que Aristóteles admitiria, afirmar que esse poder não se entende no sentido de que a região, por exemplo onde se encontra a água, está em constante processo de atração do elemento água que está afastado dessa região.

Na conjuntura total que gera essa divisão em que cada corpo simples ocupa naturalmente um lugar específico ou natural, nos parece que, para Filopono, esse poder que o lugar exerce se traduz exatamente na relação entre os corpos e o centro do cosmos. Alguns corpos buscam

aproximar-se o máximo possível do centro, e outros corpos tentam afastar-se o máximo possível dele.

Nos parece que, afastando-se de Aristóteles, Filopono sustenta a ideia de que a locomoção visa, primariamente, não o lugar natural ou a totalidade à qual pertence, mas o centro do cosmos, e sugere o exemplo de que se uma pedra cai dentro de um poço, ou mesmo se lançamos a pedra em direção à parede do poço, o que significa que estaríamos lançando a pedra em direção à totalidade da qual ela pertence, mesmo assim a pedra continuará seu movimento para baixo apenas perpendicularmente. Do mesmo modo, se uma parte da parede da terra se rompe, ela irá cair dentro do poço em movimento para baixo.

Assim diz Filopono:

Então todas as coisas pesadas possuem uma tendência para se mover em direção ao centro, não apenas em direção à totalidade da qual pertencem; e mesmo que de fato estas coisas movam-se em direção à totalidade a que pertencem, elas movem-se em direção a ela porque a totalidade obteve um lugar natural. (ALGRA & OPHUIJSEN, 2012, 499,23).

Pensamos que, para Filopono, lugar tem um poder na medida em que ele é o centro do cosmo, que existe, ou seja, o lugar existe em si mesmo e é diferente dos corpos. Nos parece que, no fim das contas, Filopono entende que essa repulsa ou afinidade que os corpos naturais apresentam em relação ao centro do cosmos garante ao lugar um poder para diferenciar a orientação de locomoção desses corpos.

Por fim, gostaríamos de frisar esta diferença de explicação da locomoção sinalizando que Aristóteles afirma em 208b8 que “se não for impedido, o corpo move-se para seu próprio lugar, sendo para um, acima, para outro, abaixo” enquanto que Filopono irá afirmar em 499,23 que “todas as coisas pesadas possuem uma tendência para mover-se para o centro”.

Outra evidência que Aristóteles sugere para a existência de lugar é a dos objetos matemáticos. Para Aristóteles, embora eles não possuam um lugar, ainda assim apresentam direita e esquerda de acordo com suas posições tomadas em relação a nós. Da forma como Aristóteles apresenta essa evidência, nos parece pouco razoável aceitar sem maiores esclarecimentos qual a relação entre a existência de lugares naturais e o fato de que os objetos matemáticos existem apenas em nosso pensamento e portanto não possuem um lugar natural.

Filopono defende essa evidência nos termos de que se até mesmo os objetos matemáticos, existindo no pensamento, possuem posições e orientações, é razoável assumir que os corpos naturais também possuem posições ou orientações, ou seja, lugares naturais. No caso dos objetos matemáticos, Filopono afirma que:

Pois dizemos que um triângulo possui uma base, possui um topo, possui um lado direito, um lado esquerdo, mas estes lugares são relativos e apenas existentes em nosso pensamento. Assim, se eu girar o triângulo, eu, portanto, crio outro topo, outra base, e modifico os lados direito e esquerdo (ALGRA & OPHUIJSEN. 2012. 500,16.)

Em 209a2 Aristóteles interrompe a lista de argumentos que falam a favor da existência de lugar e inicia uma análise do que seria o lugar, caso se aceite como provado que ele existe. Segundo Aristóteles, o desenvolvimento da análise dos argumentos que tocam a questão da natureza de lugar acaba por se transformar em plausível prova de que lugar, no fim das contas, não existe. O primeiro argumento indica que lugar, existindo, deve possuir três dimensões. Entretanto, Aristóteles imediatamente interdita tal tese sob a justificativa de que se o lugar possuir três dimensões, e do mesmo modo, o corpo que ocupa este lugar possuir três dimensões, criamos uma situação impossível em que dois corpos ocupam o mesmo lugar.

Sobre esta passagem, Filopono entende que Aristóteles, primeiramente, ao tomar a tese de que lugar possui três dimensões, possui a intenção de rejeitar a possibilidade de que lugar seja incorpóreo. Para tal é necessário admitir que tudo que possui existência, possui três dimensões. Agora, diferente de Aristóteles, Filopono apresenta um argumento em favor da tridimensionalidade de lugar. Ele afirma que se um corpo, que é tridimensional, de fato ocupa um lugar, ele deve ocupá-lo com sua totalidade, ou seja, com cada uma das suas dimensões. Deste modo, para que o lugar seja capaz de receber um corpo, ele deve também possuir três dimensões. Para Filopono se é negado ao lugar a natureza tridimensional, por consequência é impossível admitir que existe um lugar que recebe aos corpos, e que em um momento é ocupado por um pouco, e tão logo este corpo se retira, um outro corpo passa a ocupar este mesmo lugar. A impossibilidade de ser tridimensional remove a capacidade de receber ou ser ocupado por corpos que são tridimensionais. Filopono, assumindo que o primeiro ponto a ser provado é de que lugar não é algo incorpóreo, conclui junto com Aristóteles que se tudo que possui tridimensionalidade é um corpo, e lugar possui tridimensionalidade, logo, lugar também é um corpo.

Em seguida, Filopono reconhece as consequências apontadas por Aristóteles, a saber, de que, se por um lado, lugar possui tridimensionalidade, não é possível que lugar seja um corpo. Se tanto lugar quanto o corpo são corpos, temos uma situação impossível em que dois corpos ocupam o mesmo lugar. E por fim essa análise da natureza de lugar como sendo algo tridimensional acaba por criar uma situação de que nos termos assumidos a existência de lugar é impossível.

Outra dificuldade indicada por Aristóteles segue-se com a questão de que se cada corpo possui um lugar, espera-se que a superfície, assim como as demais dimensões do corpo, também possua um lugar. Mas, em última instância, isso implica que até mesmo um ponto deve ter um lugar. Entretanto, Aristóteles afirma que não parece ser possível distinguir entre um ponto e o lugar do ponto de modo que, se um ponto e seu lugar não podem ser distinguidos, não parece existir razão para se crer que exista uma distinção entre qualquer corpo e o lugar que ele ocupa.

Filopono não se opõe a esta dificuldade afirmando que “qualquer um pode achar muito difícil conceber uma diferença entre um ponto e o lugar do ponto”. (ALGRA & OPHUIJSEN. 2012. 507,13.) Entretanto, ao desenvolver sua análise ele introduz uma informação que consideramos pertinente para a compreensão de que embora o lugar deva ser tridimensional e isto implica que ele é um corpo, tal definição de corpo pode assumir modos distintos, a saber, corpo qualificado e corpo não qualificado:

É possível especificar algumas diferenças entre um corpo e o lugar do corpo, mesmo no caso onde lugar é um corpo, porque o lugar enquanto corpo é não qualificado, enquanto o corpo que ocupa o lugar possui qualidades. (ALGRA & OPHUIJSEN. 2012. 507,14.)

Se, por um lado, Filopono concede que no caso de um ponto parece ser impossível conceber qualquer diferenciação entre o ponto e seu lugar, nos parece que aquela situação anteriormente vista, a saber, de que lugar e corpo não podem ser ambos tridimensionais, pode ser evitada quando se assume como razoável que existem diferenciações entre lugar e corpo que extrapolam a definição de tridimensionalidade.

Em 209b22 Aristóteles apresenta forma e matéria como possíveis candidatos à definição de lugar e examina as dificuldades envolvidas nessa definição. Para Aristóteles enquanto lugar é aquilo que se mantém enquanto vários corpos podem vir a ocupá-lo, matéria e forma não podem ser encontradas separadas dos corpos.

Aquilo no qual o ar estava, a água passa a ocupar, como dissemos, quando a água e o ar trocam de lugar, e da mesma forma quando outros corpos o fazem, de modo que lugar de alguma coisa não é uma porção ou estado desta coisa, mas está separada dela. (HUSSEY, E. 1993. 209b25)

Assim, Aristóteles conclui que lugar não pode ser a forma, na medida em que lugar está separado do objeto. E não pode ser matéria, porque, novamente, como lugar é aquilo que circunda o objeto, ele não é formado pela matéria que forma o objeto. Tratando dessa distinção entre lugar, forma e matéria Filopono percorre um caminho diferente de Aristóteles. Se por um

lado Aristóteles realiza a distinção apelando ao fato de que matéria e forma estão nos corpos, e lugar existe independente destes corpos, pensamos que Filopono, por sua vez, cria uma distinção a partir da ideia de que matéria e forma são princípios causais que executam funções ontológicas no vir a ser de um corpo enquanto lugar não exerce nenhuma participação.

Pois as causas de todas as coisas existentes, [diz Aristóteles], são quatro em número – a matéria, a forma, a causa produtiva, e a causa final – e lugar não pode ser nenhuma destas. Pois nada vem a ser a partir de lugar, mas todas as coisas vêm a ser a partir da matéria, e lugar contém, mas matéria está contida. Assim, lugar não pode existir como matéria. (ALGRA & OPHUIJSEN. 2012. 508,32)

Filopono recusa a forma como sendo constitutiva de lugar a partir da ideia de que forma é o princípio que determina a essência de cada coisa, de modo que tudo que existe recebe uma caracterização em função desse princípio formal, e, quando se perde essa caracterização, a coisa deixa de existir imediatamente. Lugar, não exercendo essa função de princípio organizador, não pode ser forma.

Ainda indicando as dificuldades que surgem para se assumir que lugar pode ser matéria ou forma, Aristóteles indica que se lugar fosse efetivamente um destes, seria impossível explicar como as coisas poderiam mover-se para seus lugares próprios. Pois assumindo que lugar seria matéria, e as coisas que se movem também são matéria, caímos novamente na situação em que dois corpos ocupam o mesmo lugar. É desta forma que Aristóteles encerra a lista de dificuldades que comprometem a tese da própria existência de lugar. Estas dificuldades surgem de uma análise das próprias teses que indicam qual a natureza de lugar.

Basicamente, as teses se concentram na ideia de que não é possível assumir que lugar, em sua natureza, corresponda nem à matéria, nem à forma. Isso inviabiliza a ideia de que o lugar está associado aos princípios de todas as coisas. Filopono endossa as dificuldades apontadas por Aristóteles e conclui também que além de lugar não poder ser nem matéria, nem forma, tão pouco pode ser um princípio produtivo ou causa eficiente, assim como também não pode ser uma causa final.

A causa eficiente não pode ser associada a lugar porque, na compreensão de Filopono, não é concebível que alguma coisa seja criada pelo lugar. E, embora lugar parece ser um tipo de fim ou algo que os corpos buscam, Filopono também entende que lugar não pode ser uma causa final. Para refutar tal possibilidade, Filopono afirma que:

Pois aquilo que está em busca de alguma coisa, quer se tornar aquela coisa que busca – por exemplo, aquilo que está buscando pelo bem, quer se tornar bom, e aquilo que é está em busca de saúde, quer se tornar saudável. Mas nenhuma das coisas que estão

em um lugar, em ato, se tornam o próprio lugar.” (ALGRA & OPHUIJSEN. 2012. 509,10)

É importante notar que Filopono, endossando Aristóteles, não nega que os corpos possuem lugares naturais. O que nos parece estar em discussão é que essa relação entre os corpos e seus respectivos lugares naturais não está fundada numa tese de que lugar é uma causa final. Por fim, é apenas no comentário de Filopono a esta tese que percebemos explicitamente a negação de que lugar não pode ser uma causa final.

A tese de que os corpos possuem lugares naturais é indicada por Aristóteles quando é feita nos termos de que cada coisa move-se para seu próprio lugar. Esta tese por sua vez aparece na parte em que Aristóteles apresenta quais são as teses que defendem a existência de lugar natural: “[lugar] possui algum poder, uma vez que cada corpo, se não impedido, move-se para seu próprio lugar, alguns para baixo, e outros para cima”. (HUSSEY, E. 1993. 208b8) Mas também reaparece na parte em que Aristóteles propõe o desenvolvimento de um argumento que defina o que é lugar de modo a conciliar as diversas teses aceitas sem que isso implique contradições: “que cada corpo deve mover-se naturalmente e permanecer em seu lugar próprio” (HUSSEY, E. 1993. 211a4).

É importante notar que a ideia de que o lugar natural possui um poder não é rerepresentada por Aristóteles na parte da argumentação em que se trata de definir, por fim, o que é lugar. Embora reapareça a ideia de que os corpos movem-se para seus lugares naturais e aí permanecem, não existe uma indicação de que isso acontece porque o lugar natural possui um poder.

Filopono indica, ainda em 509, 9 que não tendo um poder, lugar natural não pode ser uma causa final do movimento dos corpos. Isso cria certa dificuldade uma vez que tal ideia parece ser o modo mais simples de se explicar como os corpos movem-se para seus lugares naturais e ali permanecem. Esta negação de lugar como causa final parece ser tão cara a Filopono que ele apresenta uma hipotética objeção nos seguintes termos:

... porque não é o caso que, assim como o bom e o saudável são o fim das coisas que buscam por eles, também não seja o caso de que lugar é o fim das coisas que querem estar nele? Pois certamente todas as coisas estão em repouso e param de buscar tão logo elas alcançam aquilo que foi o objeto de sua busca, tal como as coisas em locomoção também param de mover-se tão logo alcançam seu lugar natural, o que seria de fato aquilo que elas estão buscando. Então, como pode ser afirmado que lugar não é uma causa final? (ALGRA & OPHUIJSEN. 2012. 509,b18.)

Filopono apresenta a mesma resposta citada anteriormente. Aquele que busca a bondade se torna bondoso, aquele que busca saúde, se torna saudável. Mas o corpo que busca seu lugar natural, não se torna o próprio lugar natural. Não menos importante, Filopono endossa Aristóteles ao afirmar que existe uma separação entre o corpo e seu lugar natural, de modo que este não pode compartilhar qualquer característica essencial com o corpo que o ocupa.

Nos parece que para Filopono não existem dúvidas de que o lugar natural não exerce qualquer poder ou influência sobre os corpos que movem-se em direção a ele. Parece que recai sob a natureza do próprio corpo uma explicação desse movimento natural direcionado para uma região em específico do cosmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTOTLE, *Physics*. In: HUSSEY, E. *Aristotle Physics: Books III and IV*. Clarendon Press. Oxford. 1993

PHILOPONUS, *On Aristotle Physics*. In: ALGRA, K & OPHUIJSEN, J. *Philoponus: On Aristotle Physics 4.1-5*. Bloomsbury. 2012.

VERRYCKEN, K. 'The Development of Philoponus' Thought and its Chronology', in Sorabji. Cornell University Press (1990) 275-304.